

Um novo olhar sobre o Brasil

Uma das coisas que o andamento do Plano Real tem trazido de positivo — além da queda da inflação, da melhoria do poder aquisitivo das camadas de menor renda da população, da possibilidade de planejamento a prazos mais longos e de melhor equacionamento de desafios que ainda enfrentamos na área da administração pública — é o fato pouco percebido de um novo tratamento do assunto Brasil pela imprensa internacional. Samba, carnaval, menores de rua, sem-terra, violência urbana sem dúvida continuam nas pautas para seus correspondentes aqui, mas aos poucos vai surgindo e se ampliando o espaço para outras abordagens, principalmente na área econômica. Ou seja, a chamada imagem do Brasil vai se tornando mais nítida e objetiva para o público externo.

Na última sexta-feira tivemos exemplo disso em matéria da nossa correspondente em Londres. É sabido que o mercado brasileiro, embora grande em termos absolutos, é relativamente pobre em termos de consumo per capita, mesmo quando comparado com os de países em desenvolvimento como o nosso, por exemplo, Argentina, México, Chile, etc.

Esse fato tem servido para observações e análises negativas, como se fosse uma situação estática, sempre agravada pelo crescimento populacional, de tal modo que o futuro do Brasil, numa perspectiva pessimista, tenha de ser de aumento inevitável dos níveis de pobreza absoluta e das carências sociais.

Mas existe outra maneira de encarar a mesma problemática. E essa nos é oferecida pelo relatório de um banco de investimento sediado em Londres. O que os pesquisadores do banco — Justin McGowan, Carl Weaver e Enrique Klix — estão enxergando não é um horizonte estático, mas um processo dinâmico no qual o baixo nível de consumo per capita da grande massa da população brasileira funciona como estímulo para novos investimentos devido ao potencial de crescimento que apre-

Um estudo no qual as carências do Brasil são ativos realizáveis e não passivos insuperáveis

senta, maior que o de países em desenvolvimento e muito maior do que o dos países já desenvolvidos. Trata-se, portanto, de uma fronteira para expansão inigualável, segundo o estudo que abrangeu os mercados de consumo em toda a América Latina.

A pesquisa procurou definir os níveis de penetração dos vários tipos de bens nas residências com o objetivo de vislumbrar até onde vai o potencial de consumo para bens duráveis e não-duráveis, em anos futuros, em toda a região, e suas conclusões sem dúvida privilegiam o Brasil. Além do potencial de crescimento da renda média e do consumo do mercado existente, o Brasil ainda dispõe do potencial de crescimento do próprio tamanho do mercado, pela incorporação de novas faixas de renda e, particularmente, das camadas das faixas etárias mais jovens, que compõem a maioria da população.

Esses fatos não só deverão atrair investidores estrangeiros como obrigarão os investidores nacionais a aprimorar suas ofertas, em termos de preços e qualidade. Este ano, segundo os autores do estudo do Dresdner Kleinwort Benson, deve ser um divisor de águas, no Brasil, para a indústria de aparelhos domésticos, por exemplo, cujo volume cresceu 30%. E para toda a região eles prevêem que as vendas poderão progredir à taxa composta de 7% até o ano 2000.

Uma característica do mercado brasileiro, que o diferencia mesmo em relação aos da América Latina, é que a maior juventude relativa da população torna-o mais sensível a mudanças de hábitos e mais receptivo à modernização e a inovações tecnológicas. O que significa que seu crescimento quantitativo tende a ser acompanhado por avanços qualitativos. Essa é uma das conclusões da pesquisa que serve de alerta a empresários brasileiros que ainda resistam a investir em pesquisa e desenvolvimento de novos produtos, “design” e outras coisas que consideram como perfumaria. E explica, em parte, por que certos produtos estrangeiros ganham dos nacionais, não exatamente pelo desempenho ou preço, mas pela apresentação.

O importante é que estudos como esse vêm impulsionar ainda mais o já crescente interesse de investimentos estrangeiros no Brasil, que neste ano deverão alcançar, segundo estimativas do ministro Francisco Dornelles, cerca de US\$ 16 bilhões, mais ou menos o dobro do ano passado.